

## AS VÁRIAS FACES DE ERNST BLOCH (\*)

Pierre Furter

Em recentes debates na televisão, o brilhante militante socialista Jean Ziegler propunha distinguir diferentes tendências na família marxista, das quais a "blochiana". Se algum espectador, teve, desde então, a curiosidade de se informar acerca desta categoria, deverá ter sofrido grande decepção por encontrar tão pouca coisa: algumas páginas em **La Philosophie Allemande** de H. Arvon (1); alguns artigos especializados nas revistas filosóficas ou teológicas (2); comentários de teólogos dos quais o mais importante — senão o mais objetivo — é o de J. Moltmann (3). Embora haja duas traduções exemplares em francês das obras de Bloch (4), o essencial de sua obra não é, contudo, ainda disponível a quem desagrada o alemão singular e hermético de Bloch. Será sem dúvida bem difícil, a partir destes tantos fragmentos, externar uma opinião sobre este filósofo alemão que desde 1 919 — já que é nesta data que ele publica em Berna seu primeiro texto público (5) — então, desde mais de meio século, produziu uma obra gigantesca cuja única leitura toma vários meses de trabalho. Nós pensamos então que seria útil, numa primeira exposição, apresentar algumas obras recentes em língua francesa ou de autores suíço-alemânicos, aguardando o

---

(\*) Artigo gentilmente cedido pelo Dr. Pierre Furter ( Université de Genève ), a fim de que esta Revista pudesse comemorar com brilho o 90º aniversário do filósofo alemão Ernst Bloch.

(1) H. ARVON, **La Philosophie Allemande**. Paris, Seghers, 1 970, págs. 107 s.

(2) Assim, por exemplo, o artigo de L. Hurbon "Utopie et Politique" na revista **Etudes Théologiques et Religieuses**, Montpellier, 1 974, nº 2.

(3) J. MOLTSMANN. **Théologie de l'Espérance**, trad. fr.

(4) E. BLOCH. **Thomas Münzer comme théologien de la révolution**. Tradução de Maurice de Gandillac. Paris, Julliard, 1 964.

E. BLOCH. **Traces**. Tradução de Pierre Quillet e Hans Hildebrand. Paris, Gallimard, 1 968.

(5) **Schadet oder nützt Deutschland eine Niederlage seiner Militar?** Freie Verlag, Berna, 1 919. Pode-se admitir, realmente, que sua tese sobre Rickert de 1 909 nunca foi conhecida do grande público.

importante trabalho coletivo preparado com muito desvelo por G. Raulet (6), assim como traduções de obras centrais de Bloch (7).

## O DEUS D'ÁGUA

Em tal situação, o surgimento de um pequeno trabalho de vulgarização é bem-vindo. L. Hurbon, que se distinguiu por seu trabalho sobre **Dieu dans le vaudou haïtien**, propõe, de fato, uma iniciação útil ao conjunto da obra de nosso filósofo (8). Tarefa arriscada pois Bloch — que foi comparado acertadamente a um inapreensível Deus de água — cuja obra reflete as múltiplas facetas de seu gênio, este Proteu de diferentes faces, oferece uma obra que é um labirinto onde quase todos os itinerários são possíveis embora alguns deles não levem seguramente a uma saída satisfatória. De sua parte, L. Hurbon, que é haitiano, portanto de um país profundamente subdesenvolvido, desejaria demonstrar a tese paradoxal de que esta obra que nada diz quanto ao fato fundamental da emergência contemporânea do Terceiro Mundo, é um excelente ponto de partida para refletir sobre os problemas do desenvolvimento. Para isto, o autor propõe um dos itinerários possíveis para a interpretação de Bloch. Este, insatisfeito com o estatuto incerto da categoria da esperança, chega a isto por uma reinterpretação marxista do sonho, a valorização da consciência antecipadora, a revalorização da utopia em interpretar o religioso como uma das fontes dos movimentos políticos de libertação. Melhor ainda, no conjunto dos fatos religiosos, os que são associados aos messianismos é que são verdadeiros e demonstram que a religião, longe de ser apenas o ópio do povo, pode ser também a pólvora.

Se esta interpretação é plausível e bastante agradável de seguir, não é certo que L. Hurbon, padre e professor universitário católico, tenha tomado, contudo, as precauções suficientes para escapar às armadilhas da apologética e da recuperação no vasto seio da Igreja. Passando rapidamente sobre a clara posição de ruptura que após Marx, Bloch afirma e mantém ao longo de toda sua obra face ao passado, L. Hurbon supõe que ela não se aplica inteiramente à religião. É porque ele julga que Bloch propõe uma leitura do fato religioso que justificaria uma “nova síntese entre o marxismo e o cristianismo na

(6) **Utopie — discours et pratique**: Hommage à Ernst Bloch pour son 90<sup>e</sup> anniversaire. Payot. Paris ( a publicar-se ).

(7) De fato se anuncia para este ano as traduções em francês do **Prinzip Hoffnung** e de **Geist der Utopie** pela Gallimard.

(8) L. HURBON. **Ernst Bloch: utopie et espérance** Cerf, Paris, 1 974, 145 págs.

medida em que recoloca em causa a interpretação clássica de Marx e de Engels". Afirmção tanto mais curiosa, pois que L. Hurbon, num artigo publicado antes de seu livro, era bem mais detalhado (9) sobre este ponto central. Ele julgava então que não havia convergência possível senão no nível da estratégia, recusando todo confucionismo. A posição atual de L. Hurbon voltaria a minimizar certas consequências da valorização do fato religioso pelo lado dos movimentos religiosos. Estes, com efeito, não descobrem mais um Reino "de Deus", mas, ao contrário, visam à construção ou à edificação de um Reino "da liberdade". Por certo, trata-se ainda de um "reino" e o da liberdade é à imagem do "Deus" libertador. Bloch, malgrado certas ambigüidades, não propõe somente uma hermenêutica, mas a **transformação do fato religioso em ato político de libertação** que abole a Revelação no desvelamento político-social do "homo absconditus". A metarreligião blochiana que poderia ser interpretada por uma primeira leitura apressada como uma revalorização do passado religioso, encontra a sua verdade plena na irreligiosidade presente e, sobretudo, futura. Bloch é ateu; negá-lo é dar prova de grande leviandade.

Neste mundo, o nosso, que evolui, Bloch discerne as tendências que anunciam um novo universo onde Deus é a realidade do homem oculto, mas que não pode ser desvelado e realizado **senão na transformação** desta realidade presente. Esta abertura da imanência a uma realidade ainda oculta permite conservar o aguilhão da transcendência, mas a substituição do Reino de Deus pelo Reino da liberdade elimina, segundo Bloch, toda transcendência definida segundo as categorias filosóficas elaboradas nas sociedades ainda marcadas pelo poder do sagrado.

Para aprofundar mais este ponto essencial cuja interpretação é fonte de muitos equívocos da parte dos teólogos que querem, a todo preço, recuperar Bloch e, para concluir, pretendem, apesar de tudo, encontrar uma garantia sobrenatural à sua esperança, convém, nos parece, analisar mais de perto o estudo que o nosso compatriota A. Jäger fez da escatologia blochiana e que traz o título claro e nítido de "Reino **sem Deus**" (10).

Jäger começa por reconhecer as ambigüidades de Bloch em relação às religiões em geral e à fé cristã em particular. Com efeito, se há textos que manifestam uma evidente ironia face aos fatos religiosos em conjunto, não se pode negar que Bloch se situa na grande tradição dos místicos judeus. Esta

(9) *Op. cit.*

(10) Alfred JÄGER. **Reich ohne Gott zur Eschatologie Ernst Bloch**. EVZ Verlag, Zurique, 1 969, 267 págs.

ambigüidade não chega a seu ponto máximo na noção, por fins bizarra, de uma abolição das religiões numa metarreligião ?

Estas ambigüidades se explicariam, antes de tudo, pela preocupação de Bloch em distinguir, escrupulosamente, as práticas religiosas autênticas de todas as falsificações, as superstições, as caricaturas que nos propõe a história das igrejas. A este combate, responde a convicção de que existe um progresso teológico no aprofundamento da fé que permite, pouco a pouco distinguir o verdadeiro significado do cristianismo, o dos profetas, dos mártires, dos heréticos e dos heterodoxos. Enfim, tudo isto converge para a figura de um Deus que se suprime voluntariamente na afirmação da humanidade.

Mas esta interpretação deixa insolúvel o problema da forma do Reino que se deseja instaurar já que não podemos mais nos referir à imagem de um Deus tornado invisível. A esta primeira objeção, Bloch responde reafirmando que a forma é o encaminhamento que a esboça; o fim é o caminho percorrido. Mas então o que é que nos leva a caminhar ? Para o que vamos nós e por quê ? Jäger tem aqui a coragem, contra muitos intérpretes de Bloch, de insistir na importância da noção de **matéria** para responder a esta segunda objeção. Ela é concebida como processual — “*natura naturans*” —, mas esta matéria dinâmica não aparece senão na Natureza, porque somente esta possui qualidades e talvez sentidos. Compreende-se que esta concepção de uma natureza naturante, base de uma matéria dinâmica e processual, elimina a noção de criação do mundo e tende a afirmar a importância de uma criação contínua. E melhor, de uma criação **continuada** pelo homem.

De fato, para que haja progresso, e portanto um sentido no processo que age na Natureza, é necessário que haja uma humanidade que exista e que assuma essa tarefa. Como Jäger o reconhece, esta demonstração é ainda insuficiente uma vez que Bloch não havia ainda publicado nesta época seu manuscrito consagrado à matéria sobre a qual ele trabalhava já há 40 anos (11). De qualquer modo, Jäger tem o mérito de desenvolver uma interpretação convincente do materialismo blochiano.

## FACE À SUA MORTE

Contra L. Hurbon que insistia sobretudo na continuidade, o trabalho de Jäger nos permitiu insistir numa primeira ruptura com a

---

(11) Publicada posteriormente.

tradição cristã, a que opõe Bloch à concepção de um Deus criador. Desejaríamos discutir agora outra ruptura, mais importante talvez, na medida em que nos põe diretamente em causa: o ultrapassamento dialético da ressurreição. Realmente, como H. Gollwitzer havia percebido com bastante acuidade (12), Bloch não responde claramente ao problema preciso de *minha* morte. Para o teólogo berlinense, Bloch mantém-se numa tradição filosófica que fala mais da morte dos outros que da morte do próprio sujeito. Todavia, mesmo se não se encontra em Bloch os acentos trágicos e pungentes de um Lucrécio ou de um Kierkegaard, J. Ziegler provavelmente tem razão de insistir na contribuição de Bloch ao problema existencial e vital da morte na parte metafísica de seu último livro (13). Talvez J. Ziegler tenha sido tentado a assimilar muito rapidamente Bloch às suas próprias teorias. De fato, foi imprudente em abordar o complexo pensamento de Bloch na base de uma montagem — no sentido surrealista do termo — de fragmentos emprestados misturadamente a dois trabalhos somente: **Das Prinzip Hoffnung** e **Der Geist der Utopie** (14) — sem realmente distinguir a complexidade, as nuances e talvez as contradições blochianas sobre esse tema bastante difícil.

Antes de tudo, Ziegler sem dúvida tem razão contra Gollwitzer, quando pretende que a reflexão blochiana sobre *minha* morte é central, uma vez que ela era já implícita na sua reflexão sobre a presença atual do passado. É porque as coisas, os seres e as consciências estão ameaçadas pela morte que é tão importante refletir nas condições de sua sobrevivência. É porque tudo pode desaparecer que é necessário estatuir as condições da sobrevida. Há convergência entre Bloch e o pensamento de Ziegler pois todos os dois julgam, por razões diferentes e com argumentos distintos, que a ignorância da morte, o temor-pânico diante dos moribundos, a liquidação da dignidade na agonia são tantas recusas de uma sociedade que não sabe mais viver. A negação do passado passa pelo medo do presente e o pânico diante do futuro. Melhor ainda, eles se reúnem numa mesma consciência das desigualdades sociais diante da morte. Eles aceitariam facilmente as constatações publicadas em um jornal parisiense (15) segundo as quais um professor, logo um trabalhador “intelectual”, tem mais chance de viver, aos 65 anos, que um trabalhador manual, e que a média nacional francesa de vida do primeiro é de 75,8 anos, enquanto que o segundo tem apenas 68,4 anos para completar seu ciclo de vida. Parece mesmo, segundo este estudo,

(12) H. GOLLWITZER. “Die marxistische Religionskritik und der christliche Glaube” in **Marxismusstudien**, Tubinga, 1 957.

(13) J. ZIEGLER. **Les vivants et les morts: essai de sociologie**. Paris, 1 975, págs. 276 ss.

(14) **Op. cit.** Assim J. Ziegler não distingue as duas edições do **Der Geist der Utopie**.

(15) **Le Monde**.

que o "conhecimento" — entendido aqui como instrução pública — é essencial para resistir a uma morte prematura e para poder sobreviver.

Os dois autores divergem quando Ziegler, como bom católico e cristão ortodoxo, se crê obrigado retomar as teorias metafísicas mais contestáveis como a do dualismo entre corpo e alma, ou da imortalidade da consciência ( pág. 269 ), ou ainda quando confunde desejo e realidade. Com efeito, se é possível que na agonia — da qual ele faz magistral interpretação ( págs. 237 ss ) — existe o **desejo** da sobrevivência e da imortalidade — como Lucrécio já havia descoberto — este desejo não tem nenhum valor ontológico. Confundir esperança e existência, o desejo e o ser é um erro filosófico que, segundo Lucrécio, desola a humanidade destruindo o humano no homem. Que exista um desejo de sobreviver, nós o constatamos com Ziegler; que esta esperança é constantemente traída, vivê-la-emos cada um de nós. Do mesmo modo, é igualmente falso da parte de Ziegler interpretar de modo realista a noção do eu escatológico de Bloch. Não se trata, absolutamente, de um núcleo duro, de uma espécie de diamante inatacável ( é verdade que Ziegler diz também que se trata de um germe, o que não é evidentemente a mesma coisa ) mas de algo bem mais sutil que transparece na distinção, de resto clássica, entre o **Nicht** do **Nichts** ( pág. 228 ). O núcleo não é um cheio, mas um oco. É um dos aspectos do "Hohl", do sorvedouro que é a realização de todas as plenitudes que o homem crê ter acumulado, das riquezas materiais e espirituais feridas de nulidade. Tudo o que faz crer ao homem que ele é cheio, rico, satisfeito, feliz é colocado a nu. Tal é o papel do **Nicht**. Resta saber se este "nada" é "Nichts", se é completamente vazio e se desaparece na deliquescência de toda a realidade; ou, então, se é o **não-ainda** "Noch Nicht Sein". Neste caso, devemos partir do momento zero da descoberta traumatizante do nada ( rien ), não a certeza fascista do nada ( néant ), mas o começo de uma lenta progressão, de uma longa ascensão, de uma conquista do ser que se desvela ou se cria pouco a pouco. É porque o nada ( rien ) é um germe, ou melhor, é ainda em germe e que se pôde falar de um pensamento germinador (16). Vemos que, contra as certezas de Ziegler, Bloch roça sem cessar o mal radical. Ele segue, como todos os praticantes da teologia negativa, o fio da navalha da morte.

Talvez a única demonstração possível desta possível sobrevivência para além da morte é a existência de uma voz que poderemos escutar enquanto houver homens, graças ao gênio técnico da civilização ocidental: a voz gravada de um homem que soube afrontar sua morte na morte dos outros.

(16) H. H. HOLZ, discípulo de Bloch, propôs justamente caracterizar seu pensamento como um "Logos spermaticos".

## UMA VOZ

Em sua pesquisa sobre a sociologia da esperança H. Dêroche (17) atrai a atenção do leitor não somente sobre as intuições geniais de Durkheim a respeito da ideação coletiva, mas sobre a exposição teórica da noção de consciência constituinte... da história. Se não há prova da imortalidade, no sentido em que a entende J. Ziegler, haveria uma demonstração da força criadora da consciência. Esta é imortal não porque ela oculta não sei que núcleo precioso e inalterável, mas sobretudo e essencialmente porque ela ultrapassa a morte por suas criações. Veremos em próximo parágrafo o papel central do duplo mito de Prometeu e de Fausto na interpretação que Bloch dá de um momento central da história do Ocidente. Mas este poder da consciência se manifesta já agora por sua capacidade de suscitar movimentos sociais, de mobilizar os viventes, de fazer as pessoas saírem de seu imobilismo.

Bloch seria então um tribuno? Teria ele o poder de fazer marchar as turbas? Absolutamente, e nós temos uma testemunha curiosa disto nas quatro lições de 28 minutos que foram gravadas entre 1961 e 1968 e que Suhrkamp editou em dois discos (18). Estas demonstrações verbais de textos publicados pela ordem, impressionam pela ausência de *pathos* ou de efeitos demagógicos. Uma voz se dirige a nós, modesta, sofredora, progredindo por períodos breves. Procura, antes de tudo, se fazer compreender. Martela as palavras, marca os acentos, sublinha as pausas suspendendo-se em outros tantos suspiros. Numa segunda audição, descobre-se o segredo dinâmico desta palavra filosófica: uma sutil aceleração do tempo que pouco a pouco seduz e convence como se o orador fosse possuído de um princípio de ação. Ele se produz em nós como um arrebatamento sem que jamais a nossa consciência e a nossa reflexão fossem obnubiladas.

Infelizmente esta iniciação não está ao alcance de todo mundo e nos é necessário voltar às traduções em francês.

(17) H. DESROCHE. *Sociologie de l'espérance*. Edit. Cujas, Paris, 1973. Em particular as páginas 27 ss, 154 ss, 195 ss.

(18) *Es spricht Ernst Bloch vier Reden*. Herausgegeben G. Kalow, Suhrkamp. Verlag Frankfurt am Main, 1968 (? ) dois discos.

## DE PROMETEU A FAUSTO

Outra iniciação possível é a leitura do pequeno livro que Bloch consagrou em 1972 à filosofia do Renascimento e publicado em francês numa coleção popular (19). Seria necessário talvez evitar um mal-entendido. Malgrado o seu título, não se trata de fragmento de uma história da filosofia que Bloch nunca escreveu, mas de um exemplo brilhante do método de Bloch que consiste, ao mesmo tempo, em se inspirar no passado e em remeter à ordem neste mesmo passado. Pois, "se os mortos retornam sempre" como afirma a inscrição de Th. Münzer (20)... graças às obras de seus sucessores ( o modo mais simples de sobreviver é engendrar perpetuamente novas formas ) é necessário também, para que os mortos estejam presentes, ressuscitá-los. Este pequeno livro é, de certo, universitário pois recolhe lições, mas não perdeu nada de palpitante da oralidade, nem da paixão com a qual Bloch fala dos antepassados dos quais é necessário, a todo preço, recordar a grandeza. Como acontece, muitas vezes na obra de Bloch, sobretudo a que tem pretensões históricas, o livro pode irritar pelas opiniões preconcebidas do autor, suas interpolações e sua insistência sobre certos traços ou detalhes singulares sem que forneça ao leitor a possibilidade de verificar suas interpretações.

O tema dominante, para além do esforço de ressurreição de um Paracelso — o Fausto suíço — ou de Campanella — o monge progressista — é a invocação global do Renascimento como uma festa da esperança nova. Para Bloch, é um pouco a primavera do Ocidente. Uma nova partida da humanidade europeia. Uma espécie de tempo feroso em que foi concebida a gênese do mundo moderno. Todos os autores foram escolhidos para lembrar esta abundância, esta multiplicação, esta diversificação das idéias e das preocupações que a modernidade só fará depois desenvolver. É possível abraçar toda esta época, pois segundo Bloch, ela não é somente caracterizada por uma súbita e surpreendente densidade ou uma produção excepcional de gênios ou de personalidades ímpares, mas sobretudo por uma profunda transformação da sociedade europeia que provoca um salto qualitativo em sua evolução, uma quase mutação, em seguida ao surgimento de uma nova classe que se caracteriza por sua valorização do trabalho e da técnica.

(19) E. BLOCH. *La philosophie de la Renaissance*. Tradução de P. Kanitzer, Petite Bibliothèque Payot, Paris, 1974, 186 págs.

(20) E. BLOCH *Th. Münzer*. *op. cit.*

O primeiro exemplo, o mais impressionante talvez, é o de Bacon na Inglaterra. Nesta obra aparecem a noção de utilidade do saber e o papel do saber no exercício do poder. Com efeito, se Bacon desenvolve o plano de Prometeu, mais positivo desta vez, como pai da técnica e mesmo de um personagem positivista, introduz também a teoria das idéias preconcebidas e ilusórias que impedem o conhecimento de ser eficaz e útil: a famosa teoria dos ídolos. Seria, então, insuficiente reduzir Bacon a um simples defensor ou precursor do empirismo ou do mercantilismo anglo-saxões. Em sua obra se encontram ao menos as primeiras sementes de futuras tempestades filosóficas. Inicialmente, a crítica das ideologias sem que Bacon tenha verdadeiramente compreendido a dimensão histórica das ideologias. Em seguida, é o sentido da imensidão e a descoberta dos grandes espaços, logo, da universalidade. Pela primeira vez a Europa pensa no mundo todo tornando-se... etnocêntrico. Enfim, o que é próprio do surgimento da nova classe que representa Bacon, é fazer do capital a base da empresa humana. É assim que aparece um capitalismo empreendedor que agita o crescimento e o destino do mundo introduzindo um elemento exponencial do qual não sabemos ainda hoje o que dele advirá para nós: o progresso. Neste último elemento se unem Prometeu e Fausto, este duplo mito que vem do mais profundo e antigo passado mas que é reanimado justamente no Renascimento, já que Fausto não é senão uma mistura de imagens emprestadas a Bacon e Paracelso. Ora, neste par monstruoso se misturam estreitamente o conhecimento e o poder, a afirmação rebelde da humanidade e sua punição, a humildade da vítima e o excesso do herói, a invenção e o vôo.

Desta ambigüidade fundamental, encontram-se traços até na obra de Jakob Boehme que ficou obcecado pela realidade de um mal que seria necessário ao surgimento das contradições e inerente à bondade divina, que ele compreende através da imagem da sombra útil para distinguir a luz! Ora, justamente em Boehme reencontrar-se-á o par Prometeu e Fausto na associação estreita que estabelece entre o deus grego mártir e o Cristo igualmente homem e deus, igualmente benfeitor e mártir, estas figuras hediondas e grandiosas.

Estes exemplos mostram como se tece em Bloch uma sutil dialética com o passado, onde é afirmada a continuidade necessária pois o passado é o solo, a carne, a matéria do que nós somos e, entretanto, este passado deve ser ultrapassado a partir de uma ruptura, que será tanto mais profunda quanto maior a afirmação do passado. Se eu respeito somente o passado, eu serei o seu prisioneiro, mas para respeitá-lo, eu devo-lhe assegurar um futuro. É porque Bloch não procura encontrar a solução nas grandes sínteses à maneira de Teilhard de Chardin. Ele toma claramente distância de Hegel com quem não

partilha a preocupação da completude e do acabamento. Sua dialética é rigorosamente crítica e conduz à concepção fundamental do inacabamento dos homens. Desde então ele não recola os fragmentos. Não procura a unidade a todo custo. A única possibilidade é imaginar uma esperança para a obra na história e graças à qual os homens criariam sentido. É de dentro que age o princípio unificador. É através da acumulação da história que deverá surgir o sentido.

E se fosse um trabalho de Sísifo ?

### ERRO POLÍTICO OU MAL RADICAL ?

Para que haja sentido, parece ser preciso uma progressão. Em nossa opinião, Bloch pende para esta hipótese mas precisa sempre que esta progressão é uma construção não assegurada nem fatal. Pois “a Gênese está no fim” como ele gosta de repetir, uma vez que nada é dado de saída senão a matéria, isto é, um movimento insensato, pois não há um Deus criador, nem garantia alguma de se encontrar alguma coisa no fim. Nada de mais distante do pensamento de Bloch do que uma providência ou a mania angélica da teologia. É porque a verdadeira provocação e a única questão radical que Bloch põe aos cristãos é propor uma esperança sem nenhuma garantia divina, como o desenvolvemos longamente alhures. (21)

Não é, porém, menos real que a morte espreita, que o homem Bloch tropeçou, que ele cometeu erros, que os homens se enganam e, mais grave ainda, enganam os outros e se enganam entre si. Desde então, como resolver o problema difícil das relações entre:

- o fracasso político — circunstancial e que se pode “justificar” a posteriori dizendo que a sociedade não estava madura, que as condições “objetivas” ( sic ) não haviam sido preenchidas, em suma, todas estas justificações com as quais os políticos e os militantes nos encham as orelhas;
- o erro político, isto é, a tomada de decisão em que manifestamente se é enganado e se engana os outros como, por exemplo, quando um filósofo ( e que filósofos ! ) não vê o que era o fascismo ou o estalinismo;

(21) P. FURTER. **A dialética da esperança: uma interpretação do pensamento utópico de Ernst Bloch.** Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1 974, 268 págs.

— e o mal radical que atormenta Bloch, mas do qual ele fala pouco a não ser na liberdade do debate oral (22).

Este mal radical tem facetas múltiplas. Tem uma faceta pessoal, íntima de alguma maneira, quando se persuade de que tudo vai mal para mim. O que conduz ao suicídio ou à morte pela renúncia à vida. Uma faceta também social, quando uma sociedade está cansada e não mais quer combater. Manifestamente Bloch pensa na sociedade alemã exaurida após a Grande ( sic ) Guerra. Ela tem também uma face bem mais misteriosa, mais inquietante: a do niilismo, do homem da noite, do **Nichts ( néant )** através dos quais o fascismo foi tragado nos caminhos sem retorno que levavam aos campos da morte.

A este inverso da esperança, Bloch não opõe somente “um monismo da esperança”? Ora, num texto discreto (23) ele parece propor outra solução. Não procura, com efeito, demonstrar a necessidade do mal a fim de que não sejamos mais suficientes? É este ponto central, difícil, brilhantemente desenvolvido por um jovem suíço que soube aliar a lucidez política a uma excepcional penetração filosófica (24).

Da minuciosa demonstração de Kranzler, reteremos os três momentos essenciais de sua confrontação da ideologia com a verdade ( “Wahrheit” ), com a certeza ( “Richtigkeit” ) e com a identidade.

Para evitar o fracasso, conviria fundar-se sobre uma verdade “verdadeira”, isto é, que repousa sobre a crítica epistemológica da ciência, por exemplo. Assim, no caso da esperança, esta deveria responder às verdadeiras necessidades dos homens e não prolongar-lhes as ilusões. Mas Bloch permanece cético neste nível, porque nunca acreditou no método experimental — em que a busca da exatidão conduziria a uma perda de substância do risco da verdade —, nem no método comparativo do “consensus” onde, no fim de tudo, é uma parte que impõe a todos sua verdade. O fracasso permanece possível. O que não é talvez assim tão grave pois, em nosso encaminhamento, podemos ainda retificar a direção. Nada é jamais dito definitivamente e pelo método das retificações progressivas, das correções e das aproximações sucessivas a verdade surge no horizonte.

Mas quem diz encaminhamento, evoca o erro, isto é, a incapacidade de se decidir entre dois caminhos. Qual o encaminhamento justo e

(22) Como o prova o extraordinário documento publicado em **Genèse et structure**. PUF, Paris, 1 965, págs. 228 — 241.

(23) E. BLOCH. **Widerstand und Friede**, Suhrkamp V. Frankfurt a. M. 1 968, págs. 63 — 75.

(24) K. KRANZLER. **Utopie und Ideologie: Gesellschaftskritik und politisches Engagement im Werk Ernst Bloch's**. Lang, Berna, 1 970, 212 págs.

certo? Bloch aprofunda longa e freqüentemente este problema que ele viveu durante toda sua vida agitada de pacifista, de antiimperialista, de revolucionário, de antifascista e de antitotalitário. Sua interrogação é tanto mais séria quanto mais ele se enganou grosseiramente, conforme parece, a propósito de Stalin ou da DDR (como dos USA no tempo de seu exílio). E nem sempre é possível reparar estes erros. Há uma fatalidade do erro que pode ser perdoada, mas dificilmente retificada ou justificada. Contra K. Mannheim, Bloch julga que ele não escapa à "Parteilichkeit", isto é, de assumir sua responsabilidade de uma escolha política cuja legitimidade é preciso ponderar. Ora, Bloch não crê na aplicação passiva das recomendações de um partido — seja do PC — que fossem elaboradas graças à alquimia do "diamat". Duvida da sobredeterminação pelas estruturas econômicas, pois toda a sua obra é um protesto em favor da autonomia relativa das superestruturas. Mas recusa, do mesmo modo, a tentação sentimental do expressionismo em que a política se faz pelos sentimentos. A única solução é fazer do pensamento utópico um pensamento capaz de ler o presente, de discernir tendências; em resumo: dar-lhe um estatuto epistemológico.

O terceiro e último nível é atingido quando põe o problema do "Wozu" no caminho? Este caminho é um puro encaminhamento? É ele riscado por seu próprio traço ("Spuren") ou indica um fim? Uma vez que existem vários caminhos, levam conseqüentemente todos para um mesmo fim ou é necessário admitir uma irredutível pluralidade de finalidades? É preciso mesmo perguntar angustiadamente se os encaminhamentos não são círculos viciosos? Ora, nós já o vimos a propósito do Reino **sem** Deus e chegamos de novo à evocação da falha blochiana, isto é, a identidade final se exprime por um vazio, assim como a presença de Deus se revelava vazia. Então, se chegamos pouco a pouco por um longo processo de autocrítica e de reflexão dialética a apreender quais as verdadeiras necessidades, a imaginar pelo pensamento utópico quais as tendências possíveis, eis-nos diante do paradoxo insuperável de um Totum que se revela inacabado ou... não ainda acabado. Com toda a certeza, através de todos os andaimes, graças aos planos, graças aos desenhos das estruturas, nós podemos ver — como Moisés — o Edifício de nosso vir-a-ser. Mas habitá-lo-emos algum dia? Ora, os homens estão sobretudo preocupados por um lugar onde repousar sua cabeça... Neste caso o pensamento de Bloch satisfaz pouco, uma vez que se dirige "aqueles que estão dispersos no mundo" (Primeira Carta de São Pedro).